

AS BARREIRAS EXISTENTES NA ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA DE CORRIDAS DE RUA PARA PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Fernanda dos Santos Souza Pangardi¹
Patrícia Maria Paes Napolitano²

Resumo:

Tendo em vista que, apesar dos avanços em políticas de inclusão, ainda são muitas as barreiras que dificultam a plena participação do público com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em eventos esportivos de grande porte, dessa forma, pesquisa-se sobre as barreiras existentes na organização esportiva de corridas de rua para pessoas com TEA, a fim de analisar as principais barreiras enfrentadas na organização de corridas de rua voltadas à inclusão de pessoas com TEA, identificando estratégias e ações que possam promover a acessibilidade, a participação e o respeito à diversidade nesses eventos esportivos. Realiza-se, então, uma pesquisa de caráter qualitativo do tipo descritivo; enquanto instrumento para coleta de dados, foi utilizada enquanto instrumento para coleta de dados a entrevista semiestruturada com professor organizador de corridas de rua para pessoas com TEA, sendo também realizada uma revisão da literatura do tipo estado do conhecimento. Diante disso, verifica-se a identificação das barreiras estruturais, organizacionais e profissionais na realização de eventos esportivos inclusivos; a relevância das atitudes acolhedoras e do envolvimento familiar como fatores determinantes de inclusão e o potencial transformador do esporte como ferramenta de conscientização e promoção social, o que impõe a constatação de que a pesquisa evidenciou que, embora haja avanços na conscientização sobre a inclusão de pessoas com TEA em corridas de rua, persistem barreiras estruturais, financeiras e organizacionais. Verificou-se que atitudes de acolhimento, empatia e cooperação entre organizadores, famílias e profissionais são essenciais para o sucesso dessas iniciativas. Conclui-se que a promoção de eventos esportivos verdadeiramente inclusivos requer planejamento, sensibilidade e compromisso coletivo com a diversidade.

Palavras-chave: Corrida de Rua. Organização Esportiva. Atletas com TEA. Inclusão.

Abstract:

Given that, despite advances in inclusion policies, many barriers still hinder the full participation of people with Autism Spectrum Disorder (ASD) in large-scale sporting

¹ Aluna do curso Técnico em Organização Esportiva, na Etec de Esportes - Curt Walter Otto Baumgart - (fernanda.pangardi@etec.sp.gov.br)

² Aluna do curso Técnico em Organização Esportiva, na Etec de Esportes - Curt Walter Otto Baumgart - (patricia.napolitano@etec.sp.gov.br)

events, this research investigates the existing barriers in the organization of street races for people with ASD. The aim is to analyze the main barriers faced in organizing street races focused on the inclusion of people with ASD, identifying strategies and actions that can promote accessibility, participation, and respect for diversity in these sporting events. A qualitative, descriptive study was conducted; the data collection instrument was a semi-structured interview with a professor who organizes street races for people with ASD, and a literature review of the state of the art was also performed. The study identifies structural, organizational, and professional barriers in the organization of inclusive sporting events. The relevance of welcoming attitudes and family involvement as determining factors for inclusion, and the transformative potential of sport as a tool for awareness and social promotion, leads to the conclusion that the research showed that, although there has been progress in raising awareness about the inclusion of people with ASD in road races, structural, financial, and organizational barriers persist. It was found that welcoming attitudes, empathy, and cooperation among organizers, families, and professionals are essential for the success of these initiatives. It is concluded that the promotion of truly inclusive sporting events requires planning, sensitivity, and a collective commitment to diversity.

Keywords: Road Race. Sports Organization. Athletes with ASD. Inclusion.

Introdução

A prática de atividades físicas, como as corridas de rua, tem se mostrado uma ferramenta eficaz na promoção da saúde, bem-estar e inclusão social. No entanto, quando se trata da participação de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nesses eventos, surgem desafios específicos que exigem atenção, preparo e sensibilidade por parte dos organizadores. De acordo com Santos (2024, p. 1), “o Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange um conjunto de condições neurológicas que impactam o desenvolvimento, a comunicação e a interação social de um indivíduo”.

Pensar esses eventos no contexto da inclusão social nos remete a olhar com o entendimento, segundo Cruvinel (2023, p. 1), de que “a inclusão social refere-se ao processo de garantir que todos os membros de uma sociedade tenham acesso igualitário aos recursos e oportunidades disponíveis, independentemente de suas características pessoais”. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei n.º 13.146/2015) estabelece princípios fundamentais para a inclusão social, como igualdade de oportunidades, acessibilidade, não discriminação e protagonismo da pessoa com deficiência. Dessa forma, a inclusão não é sobre

fazer um favor, mas sim sobre um direito. É uma mudança de mentalidade da sociedade, que passa a se adaptar para acolher a diversidade humana (Brasil, 2015).

A inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no esporte contribui para seu desenvolvimento físico, social e emocional, promovendo saúde, coordenação motora, autoestima e habilidades de interação (Golfietto et al., 2019).

Segundo o site Autismo e Realidade (2024)

A prática esportiva é uma importante aliada no bem-estar de crianças e jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Além dos benefícios para a saúde, são muitas as vantagens que, especificamente para este público, trazem ganhos bem importantes: melhora a coordenação motora, facilita a interação social, ajuda na concentração e até contribui para reduzir certos comportamentos repetitivos.

O acesso ao esporte e ao lazer é garantido como um direito social fundamental, sendo assegurado a todos os cidadãos brasileiros (Brasil, 1988, art. 6º). Além disso, a Constituição determina que é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, garantindo o direito de cada indivíduo à participação no esporte (Brasil, 1988, art. 217).

Apesar dos avanços em políticas de inclusão, ainda são muitas as barreiras que dificultam a plena participação desse público em eventos esportivos de grande porte. Entre essas barreiras estão a falta de acessibilidade sensorial, a ausência de profissionais capacitados, o desconhecimento sobre as necessidades específicas do TEA e a escassez de adaptações logísticas.

As barreiras, conforme definido pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), n.º 13.146, de 6 de julho de 2015 (também conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência), correspondem a qualquer impedimento, dificuldade, atitude ou conduta que restrinja ou impossibilite a participação social, bem como o acesso, o exercício da liberdade de locomoção, de expressão e dos direitos relacionados à acessibilidade. Nessa lei, as barreiras são classificadas como: urbanísticas, arquitetônicas, nos transportes, comunicacionais e na informação; atitudinais e tecnológicas (Brasil, 2015, art. 3º). No entanto, quando se trata de estudos de prática de atividades físicas e/ou esportivas, as barreiras são comumente apresentadas como pessoais ou ambientais (Feliciano et al., 2019).

Relacionando o educador físico e o organizador esportivo, como

aliados/ferramentas para combater as barreiras citadas, é fundamental que as atividades esportivas sejam acompanhadas por profissionais capacitados, como educadores físicos e organizadores esportivos, que orientem os participantes durante a prática, acompanhem sua evolução e colaborem com o planejamento e organização de eventos, garantindo uma estrutura adequada e suporte eficiente aos atletas (Ferreira, 2020; Toledo, s/n).

A colaboração entre educadores físicos e organizadores de eventos esportivos é fundamental para tornar corridas de rua ambientes inclusivos para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa parceria possibilita identificar barreiras e adaptar a estrutura do evento, garantindo segurança, conforto e participação ativa dos atletas com TEA (Brasil, 2025; Golfietto et al., 2019).

Portanto, observar o praticante e planejar o treinamento conforme os resultados alcançados favorecem a conquista de melhores desempenhos (Andrade et al., 2019). Este artigo tem como objetivo discutir as principais dificuldades enfrentadas na organização de corridas de rua inclusivas para pessoas com TEA, refletindo sobre os caminhos possíveis para tornar o esporte mais acessível, respeitoso e acolhedor. No intuito de responder à seguinte indagação: quais são as principais barreiras existentes na organização esportiva de corridas de rua para pessoas com TEA?

Metodologia

De acordo com Fonseca (2002), metodologia é o estudo da organização e dos caminhos para realizar uma pesquisa. Etimologicamente, refere-se ao estudo dos instrumentos e métodos utilizados, orientando a construção do conhecimento científico.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

De caráter qualitativo do tipo descritivo, enquanto instrumento para coleta de dados, foi utilizada enquanto instrumento para coleta de dados a entrevista semiestruturada com professor organizador de corridas de rua para pessoas com TEA, iniciada pelo termo de consentimento livre e esclarecido; o roteiro da

entrevista visa analisar e elucidar as categorias temáticas: motivação e contexto da iniciativa, barreiras e desafios organizacionais, acessibilidade e adaptações, parcerias e suporte técnico especializado, inclusão, acolhimento e interação social, critérios de participação e segurança, experiência e percepção das famílias, inspiração e multiplicação da prática, e perspectivas e continuidade.

As mencionadas categorias foram utilizadas visando a questão principal de quais são as barreiras existentes encontradas na organização esportiva de corridas de rua para pessoas com TEA.

Portanto, para a elaboração da presente pesquisa, foi realizada uma revisão da literatura do tipo estado do conhecimento, que, segundo Francelino; Rebolo (2022), busca mapear, organizar e analisar a produção científica de uma área. Permitindo compreender o que já foi produzido sobre determinado tema e orientar novas investigações, contribuindo para o avanço do conhecimento.

Com período de busca entre os anos de 2020 a 2025, na base de dados Google Acadêmico e SciELO, pertinentes ao tema a ser abordado, publicados na língua portuguesa. Após uma busca ativa, foram feitas a exclusão de artigos e publicações relacionados ao tema que fossem de língua estrangeira, mas sempre buscando um maior esclarecimento e atualidade do tema.

No presente trabalho, houve uma limitação de estudos encontrados sobre o tema, além de tempo reduzido para elaboração, não sendo possível analisar uma quantidade maior de artigos que dessem ainda mais respaldo para o problema de pesquisa proposto. Nos descritores de busca, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: corrida de rua; organização esportiva; atletas com TEA; inclusão. Em decorrência da limitação citada, houve a busca por outras fontes de pesquisa: reportagens, eventos e iniciativas recentes que focassem na temática do estudo.

Resultados e Discussão

A análise da entrevista realizada com o organizador de corridas de rua voltadas à inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) possibilitou compreender, de maneira qualitativa, as percepções, desafios e práticas envolvidas na promoção de um evento esportivo com caráter inclusivo. O relato do organizador revelou não apenas aspectos logísticos e estruturais, mas também impressões pessoais e afetivas que reforçam o papel do esporte como meio de

conscientização e transformação social. O evento, idealizado como uma homenagem ao filho do organizador, uma criança autista, teve como principal propósito criar um espaço de convivência, acolhimento e visibilidade para o público com TEA, reafirmando a importância da acessibilidade e do respeito à diversidade. Conforme mencionado pelo mesmo

Eu já participava de provas com esse intuito. Por exemplo, tem uma corrida no Parque Ecológico do Tietê, a Corrida de Conscientização do Autismo, da qual já participei por três anos. Então, já existia um histórico de envolvimento com corridas voltadas para essa causa. A partir disso, tive a ideia de organizar a minha própria corrida, voltada especialmente para ele, uma "corrida encaminhada". Essa foi a principal motivação: fazer algo em nome dele, inspirado nas outras experiências que já tive com eventos inclusivos (Entrevistado, 2025).

Os resultados indicaram que as principais barreiras enfrentadas na organização da corrida estiveram relacionadas à falta de recursos financeiros, à ausência de parcerias institucionais e à limitação de infraestrutura e apoio profissional.

A verba foi um desafio. Consegui ajuda de algumas empresas, mas não o suficiente para cobrir tudo. Tive que usar parte do valor das inscrições para fechar as contas [...] uma clínica demonstrou interesse em participar com alguma ação no dia, mas o contato acabou não sendo mantido, então não aconteceu (Entrevistado, 2025).

A experiência descrita pelo organizador reflete justamente essa realidade, pois, embora exista boa vontade e sensibilidade, ainda há limitações práticas que impedem o alcance de um modelo verdadeiramente inclusivo. De acordo com Feliciano et al. (2019), os obstáculos à prática esportiva por pessoas com deficiência podem ser divididos em barreiras pessoais, relacionadas às condições individuais, e barreiras ambientais, como a inadequação dos espaços, a falta de preparo técnico e a escassez de políticas públicas voltadas à inclusão.

Além das barreiras materiais, o relato evidencia a ausência de profissionais especializados, como terapeutas e psicólogos, que poderiam auxiliar no atendimento das demandas específicas do público autista durante o evento. Essa lacuna reforça a importância do trabalho interdisciplinar, defendido por Ferreira (2020) e Toledo (s/n), que destacam a necessidade de educadores físicos e organizadores esportivos atuarem em conjunto, planejando adaptações e acompanhamentos adequados às diferentes condições dos participantes. A falta de uma equipe técnica capacitada também limita a oferta de recursos voltados à

acessibilidade sensorial, como áreas de descanso, sinalização visual ou locais de menor estímulo sonoro, elementos fundamentais para garantir o bem-estar e a segurança das pessoas com TEA, conforme preconiza a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – LBI (Brasil, 2015).

Por outro lado, a pesquisa demonstrou que o sucesso do evento esteve fortemente associado à postura de acolhimento e naturalidade adotada pelo organizador.

A principal preocupação foi acolher bem e não tratar de forma diferente. Procuramos conviver normalmente, sem estigmatizar ou “especializar” o tratamento. Essa foi a abordagem principal: respeito e naturalidade (Entrevistado, 2025).

A condução da corrida foi pautada pelo respeito às particularidades dos participantes e pela valorização da convivência sem estigmatização, o que dialoga com o conceito de inclusão social apresentado por Cruvinel (2023), segundo o qual a inclusão implica garantir o acesso equitativo às oportunidades e ao convívio comunitário, independentemente das diferenças individuais. O entrevistado relatou que as famílias e os corredores acolheram com empatia as pessoas com TEA, o que sugere um avanço na conscientização social e uma mudança nas atitudes coletivas frente à diversidade.

As estratégias de inclusão, ainda que espontâneas, também merecem destaque. O incentivo à participação familiar, o respeito ao ritmo individual de cada criança e a aceitação de recursos trazidos pelas próprias famílias, como abafadores de som, revelam um olhar sensível às necessidades sensoriais típicas do autismo.

Essas próprias famílias já trouxeram os recursos necessários, como abafadores de som, para proteger os pequenos de ruídos altos [...] A ideia é que sempre tenha um acompanhante, especialmente para crianças ou autistas de grau 2 ou 3 de suporte. Adultos do nível 1 geralmente conseguem participar sozinhos (Entrevistado, 2025).

Conforme apontam Golfietto et al. (2019), a prática esportiva pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento motor, social e emocional de pessoas com TEA, promovendo a autoestima, a interação e o bem-estar. Nesse contexto, o evento analisado cumpriu um papel simbólico e prático importante, proporcionando um espaço de pertencimento e lazer, ainda que com estrutura reduzida.

Outro aspecto relevante identificado foi o impacto emocional e social gerado pela iniciativa. O retorno positivo das famílias e participantes demonstrou satisfação, sentimento de acolhimento e o desejo de continuidade da proposta. Segundo o entrevistado “as famílias gostaram bastante, tanto da ideia quanto do dia do evento em si. Mesmo sem uma megaestrutura, a proposta foi muito bem recebida [...] todos disseram que vão participar das próximas” (resposta do entrevistado, pergunta 8). Essa percepção reforça o potencial do esporte como ferramenta de inclusão e conscientização, como já prevê a Constituição Federal de 1988, ao assegurar o acesso ao esporte e ao lazer como direitos sociais fundamentais (art. 6º e art. 217). O organizador destacou ainda o desejo de transformar o evento em uma corrida anual de conscientização sobre o autismo, realizada no mês de abril; e de expandir a proposta para outros grupos com deficiência, o que evidencia o caráter social e educativo da iniciativa. Conforme o mesmo “a ideia é realizar a corrida todos os anos em abril, sendo o mês de conscientização do autismo [...] com certeza, há espaço para realizar eventos voltados a outros públicos também. A ideia é crescer, incluir e alcançar cada vez mais pessoas” (resposta do entrevistado, pergunta 10).

De modo geral, a pesquisa revelou que, embora persistam barreiras estruturais, financeiras e organizacionais, há um movimento crescente em direção à construção de práticas esportivas mais inclusivas. A experiência analisada confirma que a conscientização social, o envolvimento familiar e o compromisso ético dos organizadores são fatores determinantes para o êxito de eventos desse tipo. Conforme afirma Brasil (2015), a inclusão não deve ser vista como um ato de caridade, mas como o exercício de um direito e o reconhecimento da dignidade humana. Assim, os resultados aqui apresentados demonstram que ações simples, quando planejadas com empatia e baseadas em princípios inclusivos, podem gerar impactos significativos na sociedade, promovendo o respeito, a acessibilidade e a participação ativa das pessoas com Transtorno do Espectro Autista no esporte e na vida social.

Considerações finais

A presente pesquisa permitiu compreender de forma ampla as barreiras existentes na organização esportiva de corridas de rua voltadas à inclusão de

peças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), alcançando plenamente o objetivo proposto. A análise revelou que, embora haja um crescente movimento de conscientização e sensibilidade por parte de organizadores e participantes, ainda persistem desafios significativos que limitam a efetiva participação desse público em eventos esportivos. Entre esses desafios, destacam-se as dificuldades financeiras, a ausência de parcerias institucionais e a carência de recursos estruturais e humanos adequados para garantir acessibilidade e acolhimento.

O estudo evidenciou que a iniciativa analisada, mesmo diante dessas limitações, constituiu um importante exemplo de esforço inclusivo, capaz de promover a convivência, a empatia e a valorização das diferenças. A motivação pessoal do organizador e o envolvimento das famílias demonstraram que ações simples, quando pautadas pela sensibilidade e pelo compromisso social, podem gerar impactos positivos e promover transformações significativas na forma como o esporte é percebido e vivenciado por pessoas com TEA.

A metodologia adotada, baseada na pesquisa qualitativa descritiva e sustentada pela entrevista semiestruturada, mostrou-se adequada para atingir os objetivos do estudo, permitindo captar percepções subjetivas e experiências práticas relacionadas à organização de eventos inclusivos. O uso de categorias temáticas favoreceu uma análise sistemática dos dados, evidenciando aspectos estruturais, emocionais e sociais fundamentais para a compreensão do fenômeno.

Dessa forma, a questão norteadora deste trabalho, quais as principais barreiras existentes na organização esportiva de corridas de rua para pessoas com TEA, foi respondida de maneira satisfatória, demonstrando que os obstáculos vão além das condições materiais, abrangendo também fatores atitudinais e de planejamento. Ficou evidente que o êxito de uma iniciativa inclusiva depende não apenas de recursos financeiros, mas, sobretudo, da formação, da empatia e da cooperação entre organizadores, educadores físicos, famílias e instituições.

Conclui-se que a promoção de eventos esportivos realmente inclusivos exige um olhar atento à diversidade humana e um planejamento que priorize a acessibilidade em todas as suas dimensões: física, sensorial, comunicacional e emocional. Como perspectiva futura, recomenda-se que novos estudos ampliem a investigação sobre práticas de inclusão esportiva para pessoas com TEA em diferentes modalidades e contextos, explorando a atuação interdisciplinar entre esporte, saúde e educação. Acredita-se que a continuidade de iniciativas dessa

natureza poderá contribuir para a consolidação de uma cultura esportiva mais equitativa, acolhedora e comprometida com o respeito às diferenças.

Referências

ANDRADE, Tiago S.; VESPASIANO, Bruno de Souza; PINHEIRO, Luciano Henrique Nunes; PINHEIRO, Andressa Mella. **Efeitos da organização da carga de treinamento no limiar anaeróbico de corredores amadores**. Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício, São Paulo, v. 13, n. 83, p. 467–471, maio/jun. 2019.

ARTMED. **O papel do educador físico nas corridas de rua**. Artmed. jul. 2019.

AUTISMO E REALIDADE. **A importância do esporte para crianças e jovens com TEA**. Autismo e Realidade, 29 abr. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 1988.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRASIL. **Manual de Atividade Física Adaptada para Pessoas com Transtorno do Espectro Autista**. Programa Nacional para a Promoção da Atividade Física (PNPAF).

BRASIL. **Programa TEAtivo: Práticas esportivas e de lazer para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Ministério do Esporte, 2025.

CRUVINEL, Silma Peres. **Inclusão social? De quem e para quem?** Humanidades & Tecnologia (FINOM), v. 40, p. 1–10, mai./jul. 2023.

ESPORTE E INCLUSÃO. **Autismo e Esporte**. Esporte e Inclusão.

FRANCELINO, Juliana Campos; REBOLO, Flavinês. **Reflexões acerca das pesquisas denominadas Estado do Conhecimento**. EDUCA – Revista Multidisciplinar em Educação, Porto Velho, v. 9, p. 1-14, jan./dez. 2022.

FELICIANO, Jéssica Dias; RIBAS, Michele Caroline de Souza; BRASIL, Vinícius Zeilmann; SERON, Bruna Barboza. **Acessibilidade nas corridas de rua: barreiras percebidas pelas pessoas com deficiência visual**. Movimento (UFRGS), Porto Alegre, v. 25, p. e25096, 2019.

FERREIRA, Jhonatha de Souza. **Corrida de rua recreativa: a gestão das assessorias nos eventos de corrida de rua**. 2020. Artigo de periódico Repositório Institucional da UFPB, Universidade Federal da Paraíba.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza:

Universidade Estadual do Ceará - UECE, 2022. Apostila.

GOLFIETTO, V. et al. **A inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista no esporte: estratégias e benefícios**. Eumed.net, 2019.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, Silvana Pereira Rocha. **Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma visada educativa**. Revista Científica FESA, v. 3, n. 19, 2024.